

# Os discursos produtores dos sertões do Seridó: José de Azevêdo Dantas e Oswaldo Lamartine de Faria

*Producing speeches in the Seridó backlands: José de  
Azevêdo Dantas and Oswaldo Lamartine de Faria*

Ariane de Medeiros Pereira<sup>1</sup>

**Resumo.** A tessitura deste texto que ora se apresenta tem como finalidade discutir a análise do discurso (CERTEAU, 1982) percebendo que aquele possui uma intencionalidade conforme a intuição do enunciador. De tal maneira, que as práticas discursivas tornam-se um meio social de poder (FOUCAULT, 1996). Ao partir desse entendimento, buscou-se analisar os discursos gestados sobre os sertões do Seridó, nas primeiras décadas do século XX, entendendo que estes se constituem de jogos de interesse e promovem uma identidade ao lugar ou a sociedade proclamada. Para tanto, analisamos os discursos de José de Azevêdo Dantas contidos em seus jornais O Raio e O Momento e os discursos anunciados por Oswaldo Lamartine de Faria em uma entrevista que o mesmo concedeu a amigos próximos (CAMPOS, 2001) como aquele percebia e representava os sertões do Seridó. Pode-se averiguar que cada agente social produziu um sertão ao seu ponto de vista e aos interesses que aqueles almejavam. O sertão tornou-se sertões (AMADO, 1995), tendo em vista que, ele se modifica conforme a ação dos agentes discursivos.

**Palavras-chave.** Análise do discurso. Sertões do Seridó. José de Azevêdo Dantas. Oswaldo Lamartine de Faria.

**Abstract.** The aim of this text presented here is to discuss discourse analysis (CERTEAU, 1982) realizing that it has an intentionality according to the intent of the speaker. In such a way, that the discursive practices become a social means of power (FOUCAULT, 1996). Based on this understanding, we sought to analyze the discourses generated about the backlands of Seridó, in the first decades of the twentieth century, understanding that these are games of interest and promote an identity to the proclaimed place or society. To this end, we will analyze the speeches of José de Azevêdo Dantas contained in his newspapers O Raio e O Momento and the speeches announced by Oswaldo Lamartine de Faria in an interview that he granted to close friends (CAMPOS, 2001) as he perceived and represented the backlands of Seridó. It can be ascertained that each social agent produced a sertão to their point of view and to the interests that they sought. The sertão became sertões (AMADO, 1995), considering that it changes according to the action of the discursive agents.

**Keywords.** Speech analysis. Sertões do Seridó. José de Azevêdo Dantas. Oswaldo Lamartine de Faria.

---

<sup>1</sup>Licenciada e Bacharela pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte—UFRN/CERES. Especialista em História dos Sertões—UFRN/CERES. Mestra em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte—UFRN/CCHLA. Atualmente professora do Colégio Diocesano Seridoense/Caicó/RN. ID Lattes: 9605340405648462. ORCID: 0000-0001-5743-1360. E-mail: ariane1988medeiros@hotmail.com.

## Introdução

A escrita historiográfica parte de um lugar social, cultural e da intencionalidade daquele que produz a escrita. O enunciador possui um lugar de fala que perpassa por seu repertório de vivências, sua visão de mundo e como aquele percebe e analisa determinadas sociedades, em dados recortes temporais. A construção textual torna-se uma prática exercida pelos fazeres do estudioso (CERTEAU, 1982). Para a construção da narrativa, o historiador delimita métodos pertinentes para responder a seus primeiros questionamentos.

Os discursos gestados pelos historiadores são carregados de intencionalidade, demarcados por uma objetividade que partiu das escolhas feitas, anteriormente, pelo escritor que busca construir seu texto de modo claro e conciso, tendo em vista que, parte da visão e das filosofias empregados pelo sujeito da escrita. De modo que, as construções discursivas são passíveis de serem analisadas, dissecadas e apresentar novos pontos de vista. Para tanto, é necessário fazer uma extração do texto, separando as filosofias, a visão de mundo do autor, suas ideologias e seu lugar de fala.

A produção discursiva está carregada de elementos externo a sua construção, sofre interferência da visão do escritor, dos pares que vão ler a obra e da intencionalidade que aquele deseja representar. Todavia, o silenciamento de dada temática em uma produção diz muito do pensamento daquele que a enuncia. Assim, o não-dito torna-se um lugar de força, sendo possível de ser pensado, analisado e interpretado a luz das perguntas lançadas por um novo ator discursivo e construtor de discursos (CERTEAU, 1982). Logo, podemos inferir que os discursos são verificáveis e desconstruídos, dado a intenção do autor que os constroem.

A história passa a ser um produto das técnicas utilizadas pelo historiador que utiliza dos elementos naturais—o homem, a natureza, os instrumentos—para transformá-los em um elemento discursivo de um ambiente cultural (LADURIE, 1967), assim, os elementos naturais e os sociais passam a interagir e, daí, são construídos os discursos sobre a sociedade em estudo. A linguagem ganha poder em ressaltar as estruturas passadas e as vivências pretéritas, a luz de lançar entendimento sobre o presente vivido. A linguagem ganha à significância de dizer aquilo que não se pratica mais, de modo que, àquela antiga comunidade é revivida pela escrita histórica.

Ao tomar o discurso com uma prática social de poder (FOUCAULT, 1996) podemos mensurar que o sujeito que produz um discurso o faz mediante uma escolha de poder enunciativo, tendo em vista, a selecionar, organizar e redistribuir os elementos em meio à construção de uma identidade social. Certamente, esse discurso é carregado de objetividade, uma vez que, tem como finalidade conseguir dominar o receptor. Fazendo com o que, aquele acolha e introduza o seu jogo de palavras selecionadas. O discurso torna-se um objeto de historicidade podendo ser analisado e criticado por agentes sociais dependendo de dadas circunstâncias.

O discurso como meio de poder perante dada sociedade ou como elemento discursivo de uma comunidade passada se encarregada de uma série de fatores significantes em si mesmo, mas que reverbera no imaginário do receptor. O discurso torna-se uma arena de poder nas mãos daqueles que o pratica, passando a ser um instrumento de enunciação e representação do que o autor deseja enunciar. O discurso pode não se tornar uma arena de lutas ou mostrar as lutas que os grupos sociais viveram ou vivem, mas pode reforçar a dominação do Eu pelo Outro. O discurso é jogo de palavras articuladas que o autor utiliza para convencer o leitor.

Ao analisar um discurso como fonte histórica, o historiador deve lançar mão de perceber as entrelinhas e a intenção do autor na produção discursiva. Este em seu jogo enunciativo pode lançar mão de fatores que tenha um significado universal para a dada sociedade e aquele, por conseguinte, ter comprado a construção de discurso e de identidade. Assim, cabe o historiador

analisar o sentido implícito do discurso de modo perspicaz e com um cuidado aguçado para filtrar as intencionalidades. O estudioso deve perceber que os discursos não são temporalmente contínuos, mas que existe rupturas e que o imaginário não consegue atingir categorias universais, dado justamente, a sua abstração e modificação no tempo.

As práticas discursivas ganham uma complexidade, dada as diversas esferas de circulação que aquelas envolvem e atingem em suas práticas sociais (AQUINO; CAMPOS, 2017) tanto que os discursos merecem ser analisados, dado ao seu potencial de representação de força dentro de uma sociedade. Os discursos extrapolam sua gestão linguística e passa a produzir características a dadas sociedades. Logo, quem detém o poder do discurso elabora, defendem e falam em nome de valores, de normas e de regras dentro do espaço social. Não sendo estranho pensar que por meio do discurso, também, se pode compor espaços. Essa categoria espacial é entendida, aqui, não como espaços físicos e geográficos, mas espaços simbólicos de representação.

Podemos mensurar que os espaços são construções gestadas por diferentes discursos encravando características, desde, as mais particulares, como as físicas e geográficas, extrapolando para os aspectos afetivos, culturais e de significações. Os discursos são agentes que usam de elementos que nos fazem pertencer a um dado rito ou espacialidade. Mas, também, são precursores de estereótipos que ganham notoriedade no pensamento de uma comunidade, podendo desencadear a elaboração de imagens negativas ou positivas de uma região e uma sociedade (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 15). Daí, pensarmos os discursos como uma fonte histórica na qual podemos lançar o olhar do historiador analisando, dissecando as teias e intenções linguística.

Ao tomar o discurso no sentido foucaultiano (1996) podemos entender que aqueles são gestados na perspectiva de convocar os elementos discursivos para promover a visibilidade e a dizibilidade de uma determinada sociedade ou mesmo uma espacialidade. Desta maneira, os discursos são agentes produtores de identidade conferindo ao objeto enunciado caráter de valor positivo ou negativo. Ainda seguindo esse pensamento, compreendemos que as relações sociais são tecidas por meio da subjetividade, com práticas discursivas e não-discursivas, e que estas podem ser agentes de análises, tendo em vista que, são constituídas de relações de poder, de sentimentos, de vontades.

Os discursos são criados recorrendo a uma conjuntura de elementos imagéticos e dizeres que nos permite absorver a visibilidade dos mecanismos utilizados e nos reconhecemos como parte das práticas discursivas gestadas. Entretanto, ficamos a nos indagar até que ponto uma sociedade internaliza os discursos criados e perpetuados? Quem são os agentes criadores de uma identidade? Quais os interesses estão por trás de um discurso? Essas são questões que somente com um olhar atento e com a desconstrução dos discursos podemos perceber as lutas, os entraves e os produtos intencionais.

Os discursos regionalistas não são gestados a partir de um lugar de produção fora de si (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 34), mas estes são agenciados a partir daqueles que praticam os espaços de forma direta ou indireta. Devemos ter clareza que todo discurso tem um meio funcional de demarcar e de medir o que se enuncia. Os discursos regionalistas não se ligam apenas a dizibilidade da configuração espacial, mas agrega a estes, outras práticas discursivas que perpassam pelo as esferas econômicas, sociais, políticas e culturais que revelam elementos de poder nas mãos do enunciador.

Pensar os discursos criados sobre uma região não é tomamos como documentos da veracidade, mas inseri-los na categoria de monumentos possíveis de serem desconstruídos e perceber as representatividades empregadas. É suspeitar dos discursos organizados, das imagens criadas e cristalizadas nas mentes dos agentes sociais e desnaturalizar o natural. É colocar a região

como um campo de saber e possuir a sensibilidade de perceber as práticas discursivas agenciadas à mesma de modo repetitiva, com certa regularidade, em diversas temporalidades e nos interrogar que imagética é esta que se deseja nos apresentar?

Torna-se fundamental intuirmos que o espaço é fruto das relações sociais urdidas no tempo. O espaço não preexiste sem o homem atribuir-lhes significado. É a partir da ação do homem no espaço (SANTOS, 1996) que podemos verificar as mudanças, as permanências, o jogo de forças que foram agenciadas em sua construção tanto no tocante a sua materialidade quanto nos alentos simbólicos. O espaço e o discurso regionalista são a elaboração de produtos das práticas sociais, e como tal, aqueles sujeitos sociais os produzem e reproduzem conforme o seu tempo. De modo que, os espaços assumem novas fisionomias dado aos atores sociais que o praticam, claro que, alguns discursos permanecem encravados nos dizeres de dada espacialidade.

Pensar o conceito de sertão é atribuí-lo diversos significados e significações, partindo, da concepção que os discursos são agenciados no tempo e no espaço. Devemos deixar claro que o conceito de sertão, nos parece ser, uma construção imagética discursiva na qual existe um esforço imenso para suas características repetitivas e de reconhecimento perante os agentes sociais ao longo do tempo. De modo que, os agentes sociais, com suas práticas discursivas, elaboram o sertão com uma categoria presente em dadas realidades. Assim, o conceito de sertão se insere dentro da lógica do discurso regionalista a partir de um repertório cultural cujos fatores são escolhidos para promover significados e identidade a um lugar, região ou sociedade (MACÊDO, 1998). O discurso ganha uma conotação de poder a produzir espaços, símbolos e atores sociais.

Ao enveredar pelos estudos de Janaína Amado (1995) percebemos a diversidade de discursos criados sobre a terminologia de sertão. Esta passou a ser uma prática discursiva carregada de intenção, desejo e poder por aqueles que escreviam e reescreviam o sertão. A representação sobre o conceito e dizeres sobre o sertão começou bem antes da chegada dos portugueses as terras da América, entretanto, essa construção discursiva tornou-se enraizada por todo o Brasil, mesmo que tenhamos que mencionar que cada sujeito social o utiliza à sua maneira e intencionalidade.

A construção do sertão perpassa por diversas esferas de representação<sup>2</sup> que vai desde a gestação de práticas discursivas no tocante a sua condição natural, física, geográfica, social, cultural, até mesmo, como referência aos sentidos atribuídos pelos portugueses aos sertões (AMADO, 1995). De modo que, compreendemos que a categoria sertão deixa de ser unívoca e torna-se múltipla.

No Brasil o termo sertão é recorrente, desde o século XVI, com as incursões realizadas pelos viajantes que topografavam, delimitavam e descreviam o Brasil. Não, rara às vezes, a dita terminologia referia-se aquelas terras distantes do litoral, incultas e desconhecidas (ARRUDA, 2000). Ao passo que surgiram estudiosos<sup>3</sup>, o termo sertão, ganhou novas conotações dentro deste cenário social. Na categoria cultura o sertão foi amplamente difundido pela literatura

---

<sup>2</sup>Aqui empenhamos nossa discussão em entender o conceito de representação segundo as ideias de Pierre Bourdieu (1989) em que coloca as representações como um meio de lutas de fazer crer, de dar a conhecer, de fazer reconhecer segundo as lutas de classificações sociais que podem fazer aparecer e desfazer grupos. Para mais detalhes, ver: BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

<sup>3</sup>“Os historiadores reunidos em torno do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e identificados com a historiografia ali produzida, como Varnhagen, Capistrano de Abreu (1875 e 1988) e Oliveira Viana (1991), utilizaram e refinaram o conceito. Outros historiadores importantes do período, como Euclides da Cunha (1954) e Nelson Werneck Sodré (1941), em sua fase pré-marxista, e, posteriormente, Sérgio Buarque de Holanda (1957 e 1986) e Cassiano Ricardo (1940), trabalharam, de diferentes formas, com a categoria ‘sertão’” (AMADO, 1995, p. 146).

regionalista<sup>4</sup> como aquele meio rural e de práticas tradicionais.

Podemos averiguar que o sertão vai sendo moldado conforme o tempo e as realizações sociais. Dessa forma, entendemos o sertão como sertões<sup>5</sup> de modo a historicizá-lo dado ao seu recorte temporal e sua espacialidade. Percebemos com isso que os sertões são discursos construídos que possuem significados aos agentes sociais. Nesse itinerário, possível de ser estudado, analisado, construído e reconstruído pelos agentes do poder da palavra.

As representações que são tomadas dentro do escopo das mentalidades sociais ganham significações próprias, tendo em vista que, o corpo social é produzido por esferas mentais e que, assim, existe construções que se modificam ou permanecem em determinados grupos humanos que vivem em uma sociedade. Dito isso, é preciso perceber, o que são os sertões para cada comunidade e como aqueles são percebidos pelos grupos sociais. Os discursos gestados sobre os sertões são falas nas quais as pessoas se reconhecem e se identificam. Muitas vezes, recorre-se ao elemento natural para formar identidades e memórias.

Devemos ter clareza que todo elemento discursivo tem como finalidade promover a formação de identidades atribuindo características naturais, sociais ou culturais. O discurso regionalista não forje a este jogo de força, mas procura gestar os objetos de significados que colaboram com a formação identitária de uma região (BOURDIEU, 1989). Para tanto, os elementos arregimentados para a construção da identidade social ganham significações nas mentalidades dos que operam a espacialidade. Dessa maneira, podemos pensar que o conceito de sertões perpassa por este itinerário da construção discursiva.

Partindo dessa premissa, nos propomos a analisar os discursos gestados sobre os sertões do Seridó<sup>6</sup>, nas primeiras décadas do século XX, entendendo que estes se constituem enquanto um jogo de interesses por parte daqueles que o enunciam e criam símbolos de identidade para a sociedade da citada espacialidade. Para tanto, analisaremos os discursos de José de Azevêdo Dantas contidos em seus jornais O Raio e O Momento que datam das duas primeiras décadas do século XX e dos discursos anunciados por Oswaldo Lamartine de Faria sobre o dito espaço. No caso, dos discursos efetuados por Oswaldo Lamartine, sobre a região do Seridó, utilizaremos de uma entrevista que o mesmo concedeu a amigos próximos como aquele percebia e representava os sertões do Seridó<sup>7</sup>.

Ao se trabalhar com a ordem e o poder que os discursos emanam devemos ter em mente que qualquer enunciação está alicerçada no poder simbólico de representação que aquele deseja proceder a um corpo social e, para isso, utiliza de símbolos que passam a ser reconhecidos pela comunidade em questão e, até mesmo, elaboram-se, estes elementos, recorrendo ao discurso

<sup>4</sup>“Grande parte da denominada ‘literatura regionalista’ tem o sertão como *locus*, ou se refere diretamente a ele. A chamada ‘geração de 1930’ (Graciliano Ramos, Raquel de Queiróz, José Lins do Rego, Jorge Amado, etc), por sua vez, é a principal responsável pela construção dos conturbados sertões nordestinos, de forte conotação social. Entretanto, talvez o maior, mais completo e importante autor relacionado ao tema tenha sido João Guimarães Rosa (1965), o evocador dos sertões misteriosos, míticos, ambíguos, situados ao mesmo tempo em espaços externos e internos” (AMADO, 1995, p. 146). Posteriormente, outros literatos—Ariano Suassuna, João Ubaldo Ribeiro, Francisco J. C. Dantas—escrevem discursos sobre os sertões ao seu modo e ao seu entendimento.

<sup>5</sup>Em nosso texto optamos por utilizar o termo sertões, justamente, por entender que ele é uma construção discursiva múltipla e que varia em tempo e espacialidade.

<sup>6</sup>“A Região do Seridó está encrava na porção centro-meridional do Estado do Rio Grande do Norte. O seu território encontra-se recortado por 23 municípios” (MORAIS; DANTAS, 2006, p. 1). Para uma discussão histórica e geográfica, sobre a formação e reorganização social e espacial da Região do Seridó, ver: MORAIS, I. R. D.; DANTAS, E. M. Região e capital social: a reinvenção do Seridó Potiguar nos fios silenciosos da cultura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 3., 2006, Santa Cruz do Sul. Disponível em: <<https://www.unisc.br/site/sidr/2006/textos3/21.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2021.

<sup>7</sup>A entrevista encontra-se publicada no livro “Em Alpendres d’Acauã: conversa com Oswaldo Lamartine de Faria”. Ver: CAMPOS, N. **Em Alpendres d’Acauã: conversa com Oswaldo Lamartine de Faria**. Fortaleza e Natal: Imprensa Universitária/UFC e Fundação José Augusto, 2001.

naturalista, social, político e cultural para formar uma região, de modo que, vamos nos atentar para quais elementos José de Azevêdo Dantas e Oswaldo Lamartine de Faria usam para formar identidades para os sertões do Seridó.

Ao analisar estes discursos entendemos que o discurso regionalista, sobre os sertões do Seridó, se insere em uma teia de relações de poderes gestadas pelos dois agentes discursivos que procuram elaborar um sertão ao seu modo e com os seus interesses e, para tanto, elabora seu enunciado a partir de uma construção imagético-discursiva. Não basta, apenas, elaborar o discurso deve-se inserir na mente daquela sociedade imagens que colaborem com o enunciado e promova identidade.

## **José de Azevêdo Dantas: o andarilho, o experimentador e o enunciator dos sertões do Seridó**

Pensar a construção discursiva é entender o lugar de fala, de intenção e o lugar social do enunciator, considerando que, aquele produz as práticas discursivas considerando suas intencionalidades. O discurso não se torna estático, pronto e acabado, ao contrário, este é organizado, desorganizado, criado e recriado sempre visando estabelecer pontos de vistas e “certezas” construídas historicamente (FOUCAULT, 1996). Sendo assim, é interessante que o estudioso tenha em mente que os discursos são construções históricas de um dado autor ou grupo social e, como tal, com a possibilidade de ser analisado, desconstruído e esmiuçado no que foi tencionado.

Quando enveredemos por entender e analisar os discursos efetivados por José de Azevêdo Dantas sobre os sertões do Seridó, partimos da ideia que aqueles foram formados a partir da luta pela posse, considerando que, aquele que se apodera do discurso determina relações de poder e instaura, por conseguinte, representação de identidade entre o que promove o discurso e aquele que ouve e absorve tal enunciativa. De modo que, José de Azevêdo, por meio de seus escritos, empregava uma dizer e uma visibilidade aos homens dos sertões e gestava uma espacialidade ao seu entendimento. Logo, Azevêdo Dantas tornava-se um agente produtor discursivo sobre um dado sertão.

Ao partir da perspectiva foucaultiana (1996) que os discursos exercem funções de controle, de limitação, de poder e de representatividade, entendemos que, se torna essencial compreendermos o lugar de fala de enunciator e praticar uma operação historiográfica, como nos sugere Certeau (1982), considerando que o pensamento do autor é constituído por erupções que possibilitam refletir sobre uma determinada sociedade, haja vista que, os discursos gestados contêm teias de relações de poderes. Assim, torna-se interessante analisamos quem foi à figura social de José de Azevêdo Dantas nos sertões do Seridó.

José de Azevêdo Dantas foi um agente social que nasceu 1890, no Sítio Xiquexique, pertencente, atualmente, ao município de Carnaúbas dos Dantas, no Estado do Rio Grande do Norte. Esta é uma das cidades que se insere dentro das municipalidades dos sertões do Seridó. De modo que, Azevêdo Dantas é um filho natural desta espacialidade, nascido, criado e falecido nos sertões do dito espaço (MACEDO, 2005). O nosso indivíduo social pertencia a uma família de agricultores que desenvolvia suas atividades laborais nesse pequeno rincão do sertão.

Como não dispunha de uma capital que o levasse a estudar em uma escola formal, José de Azevêdo aprendeu a ler e escrever com seus irmãos nas areias do Rio Carnaúba (PEREIRA, 2022). Talvez, começasse a perceber que o saber era uma forma de poder no qual o indivíduo torna-se um sujeito ativo em dizibilidade e visibilidade, como nos sugere Albuquerque Jr. (2011). Ademais, e por suas obras de cunho arqueológica, memorialística e de genealogia po-

demos inferir que Azevêdo Dantas tinha uma preocupação extremada em entender o espaço no qual vivia.

Em sua incursão pelo mundo arqueológico registrou, anotou e topografou sítios arqueológicos tanto dos sertões do Seridó Potiguar quanto vestígios arqueológicos nas terras do Estado da Paraíba. Seu desejo por deixar um discurso sobre as primeiras civilizações era tamanho e significativo que fazia todos os registros com um esmero e um cuidado minucioso. No tocante a sua obra genealógica passou a estudar e registrar a família de Caetano Dantas Corrêa um dos patriarcas do processo de colonização dos sertões do Seridó. Provavelmente, por meio da genealogia, Azevêdo Dantas buscava entender as relações familiares e de poder estabelecida nos ditos sertões.

Com sua obra memorialística—esta que vamos voltar o nosso olhar por meio do *Jornais O Raio e O Momento*—percebemos que o discurso de Azevêdo Dantas se direciona para perceber as vivências e as práticas sociais empregadas nos sertões do Seridó. De modo que, o mesmo utiliza do poder de enunciação, cria discursos sobre a espacialidade, a partir de elementos naturais em uma simbiose com os fatores sociais. Os discursos gestados partiam de suas experiências cotidianas, tendo em vista que, desde de muito cedo, Azevêdo Dantas trabalhou em diversas atividades pelos sertões desde de carregador de lenha, passando pelo comércio, até mesmo, como funcionário da Inspetoria de Obras Contra as Secas (IOCS) fazendo medições de estradas (MACEDO, 2005, p. 5).

Pelas obras construídas por José de Azevêdo Dantas analisamos que estes tinham uma intenção muito clara de criar uma narrativa sobre os sertões do Seridó do ponto de vista natural e social. Mesmo que estes escritos ficassem para os posteriores, estas estavam revestidas de uma linguagem de poder imagética e discursiva. Daí, pensarmos em sua preocupação em desenhar e fazer um guia de narração de suas experiências e pesquisas. Estas são qualidades que promovem a formação de identidades, nas quais as pessoas se reconhecem e assumem características de região. Além do mais, essa rede de notas descritivas, mapas e pranchas faziam uma organização própria da paisagem dos sertões do Seridó.

Esta forma discursiva era própria dos viajantes do século XIX, e sendo José de Azevêdo Dantas um homem de seu tempo, poderia ter tido contato com este tipo de literatura. E percebia que por meio desses elementos poderia ser criar um discurso sobre dadas regiões. Com bem coloca Flora Süssekind (1990) os viajantes do século XIX tinham como objetivo narrar e fixar tipos de paisagens locais. Os naturalistas tinham a missão de classificar, ordenar e organizar mapas e as coleções encontradas pelos caminhos (SÜSSEKIND, 1990, p. 45). De modo que, se pensarmos sobre os elementos das obras de Azevêdo Dantas, podemos verificar estes dois elementos. Tanto o de viajante pelos sertões, no caso, quando este desempenhava suas atividades de trabalho, ou por seus passeios, como também, o de naturalista, por seu empenho em registrar. Ele seguia bem as práticas do século XIX de gestar uma identidade sobre o Brasil, no caso do nosso ator social, seria a de produzir uma identidade aos sertões do Seridó.

Podemos averiguar esta formação de identidade, sobre os sertões do Seridó, na mentalidade de alguns sujeitos sociais quando encontramos José de Azevêdo Dantas escrevendo em seu *Jornal O Momento* para um amigo de nome “A. Cezar” sobre as paisagens do sertão. Aqui já percebemos que existe uma construção imagético-discursiva quando Azevêdo Dantas não somente descreve a paisagem natural dos sertões do Rio Grande do Norte de forma artificial, mas seu poder de discurso empenha-se em criar subjetividade e, posteriormente, materialidade, haja vista que, o receptor conseguiu elaborar a imagética em seu pensamento. Outra estratégia que observamos na escrita de José de Azevêdo é que o mesmo dirigiu seu escrito a um amigo, todavia publica o mesmo, em seu jornal, que tinha o alcance bem mais amplo que apenas uma pessoa. Assim, o discurso passa a ser amplamente divulgado, ganhando adeptos.

As práticas discursivas de Azevêdo Dantas recaem sobre a natureza dos sertões, colocando aquela em uma categoria romantizada dos bons ventos, de um lugar de calma no qual se pode respirar um bom oxigênio e que todos aqueles elementos convergem para que o homem possa desabrochar sua inspiração para a poesia. O enunciador oferta aos sertões um tempo quase parado, um tempo que não existe pressa em deixar os ensinamentos dos antepassados, um tempo bom de viver e de apreciar a vida nos sertões distantes dos aspectos agitados da modernidade das grandes cidades, ele nos coloca:

Aqui, o homens sente por sua vez o coração preso de amor—mas não desse amor futil e vá provocado por “deidades” artificiaes—porem de um amor proprio e nativo, originario de circunstancias especiaes e concretos que se depreheende da realidade—concorrendo de tal forma para a verdadeira expressão—do amor da Patria!

Aqui, amando-se os campos, as serranias, os bosques, a vejetação, tem se consagrado o mais bello poema de amor—o culto pelo solo patrio.

Aqui, adora-se o que é essencial e legitimamente nosso, o que por um dever reciproco da natureza nos cumpre reconhecer e idolatrar.

[...]

A naturalidade passou para susseder a epoca do atavismo! Hoje, vem se basear no campo algumas flores para se cantar a poesia das cidades. Os campos, os rios, as serranoas fornecem vida para o meio civilizado, continuando porem o homem da roça a ser um ente abandonado, desprezível e menos acabado por esse mundo que vive apenas do modernismo.

.... Xiqui-Xiqui 6— [ilegível]

J. Azevedo (DANTAS, J. A. O Momento. “Paysagens Sertãs”)

Por meio do discurso jornalístico empreendido por José de Azevêdo podemos perceber outros elementos que o enunciador elenca para ofertar visibilidade e dizibilidade aos sertões do Seridó. Torna-se evidente o uso que o autor faz ao conclamar o homem do sertão como um ser que possui um amor exacerbado pelos sertões, um amor que ele tipifica de puro, como se fosse o único sentimento castiço. De tal maneira, verificamos que existe uma formação identitária, como que, a partir dos sertões e do amor, aquele imprime na mentalidade sertaneja um possível sentimento de ser patriota. Para Azevêdo Dantas o cerne do Brasil, em sua formação identitária, começava pelos sertões. Interessante perceber que esta formação discursiva de Azevêdo Dantas pode ser uma influência da cultura popular, do século XIX, disseminada por meio do cordel e dos romancistas Franklin Távora e José de Alencar (ALBUQUERQUE JR., 2011, p. 134).

Não podemos afirmar que José de Azevêdo havia lido os cordelistas e romancistas, do século XIX, os quais elegiam os sertões como um espaço de representatividade para o Brasil, contudo, pelos elementos que Azevêdo Dantas evoca em seu discurso, tudo nos leva a crê que aquele tenha bebido das ideias do século XIX. De modo que, a narrativa de seu jornal recaía em definir as paisagens sertanejas muito bem delimitadas com suas serras, campos, bosques e a vegetação com veículo de promotor de identidade. Ademais, invoca os elementos naturais como formadores e mantenedores da vida na cidade. Contudo, sua narrativa torna-se um elemento de denuncia quando inseri o “homem da roça”, colocando este, na condição



de abandonado e desprezado, tendo em vista que, o poder público se preocupa mais com o moderno das cidades do que com o homem do sertão que promove a vida do Brasil.

Em uma sociedade marcada pelo analfabetismo, a escrita se torna uma forma de poder e de perpetuação<sup>8</sup> de ideias por meio da circularidade cultural<sup>9</sup> de transmitir aquilo que se ouvia. O que estava escrito se tornava um discurso da verdade, considerando que os sertões do Seridó no século XIX e início do século XX poucas pessoas sabiam ler e escrever, apenas, os filhos dos fazendeiros tinham apreendidos os fundamentos básicos da matemática e do português, aqueles ensinados pelos mestres-escola que iam até as fazendas instruir aos jovens. Os que conseguiam prosseguir com os estudos foram os filhos dos proprietários de terra que iam estudar na faculdade de Recife (MACÊDO, 1998). De modo que, boa parte da população do sertão continua sem saber ler e escrever.

José de Azevêdo Dantas tinha bem claro que tanto a escrita quanto a leitura eram práticas de poder e que, em uma sociedade analfabeta, aquelas ganhavam ainda mais significações (CHARTIER, 1991, p. 119), considerando que, as relações de saber ler e escrever ditas normas, exerce controle sobre grupos, autoriza reconhecimento, mas também, torna-se uma arma de poder emancipatória quando os poderes políticos não permitem dar visibilidade e dizibilidade a dados grupos ou situações minoritárias, como era o caso dos homens dos sertões. Neste caso, Azevêdo Dantas utilizava de seu poder de escrita para oferecer voz aos sujeitos dos sertões. Claro que, isto era feito, segundo suas concepções de mundo e de suas práticas pela dita espacialidade.

Em seu *Jornal o Raio*, datado do ano de 1918, José de Azevêdo, mais uma vez, lança mão de seu discurso para criar uma imagética dos sertões do Seridó, bem como, para denunciar as auguras que os indivíduos sociais do dito espaço transcorriam em seu cotidiano. Desta vez, ele alastra mão do discurso das secas e a necessidade de água para o homem do sertão. Sua narrativa começa por todo aparato de características naturais desde a formação das nuvens carregadas no céu, ao tom avermelhado que cobria os sertões naquele fim de tarde, aos ventos em forma de redemoinhos que anunciava a provável chuva. Ao passo que segue, insere outros elementos em seu discurso, no caso o homem do sertão que caminhava com seu cesto de macambira assada para alimentar o seu gado que estava na porta da casa a esperá-lo. Nesse momento, os céus dos sertões já se encontravam recobertos por intensas nuvens acinzentadas, era a certeza que chuva havia chegado. Aquela adentrou, por toda a noite, acontecendo de modo intensa e carregada de raios e trovões causando uma paisagem de medo. Mas, logo que amanheceu:

De um momento para outro tudo se transformava—O pavor em alegria e esperança—A terra, resequida que estava horas antes, éra banhada até o cendro [sic] pela grandeza atmospherica—a chuva. Tudo regorgitava de jubilo; até os pequenos amphibios pulavam alegremente em procura do barreiro... Eu tambem sentia uma satisfação—no dia seguinte ir observar o bello relevo das enxurradas sob a fina areia do rio. Muito me deleitava quando do alto da serra

<sup>8</sup>“A reocupação destes espaços seria narrada e perpetuada pela escrita, um tipo de memória construída a partir das referências de poder. Não é coincidência o caráter de grande propaganda assumido pelos relatórios e mapas produzidos pela Comissão Geográfica e Geológica” (ARRUDA, 2000, p. 62).

<sup>9</sup>Sobre a ideia de circularidade cultural em uma sociedade e como esta é perpassada entre os grupos sociais, ver: GINZBURG, C. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

olhava o leito escuro do rio irrigado por uma enxurrada do outo dia.  
Vinte quatro deixava um bello quadro para o dia seguinte. JUCA

(DANTAS, J.A. O Raio. O cynismo do tempo. 1918)

Percebemos que Azevêdo Dantas tece uma narrativa enaltecendo o poder que a chuva possuía nos sertões do Seridó. Aquela era percebida como um elemento de vida e de ânimo tanto para a natureza como para o homem. De modo que, as águas da chuva serviam como um fator de transformação dos sertões, essa modificação acontecia de imediato, mas simbolizava a esperança de dias melhores para todos. Nesse primeiro momento, o tempo para Azevêdo Dantas é cíclico, tendo em vista que, é a natureza que dita as regras sem a interferência do homem. Contudo, considera o tempo da ação do homem dotando-o de qualidades próprias<sup>10</sup> como coloca em seu Jornal O Momento, na edição que denomina de “Tolstoy”, ele salienta: “O homem do sertão, por sua natureza propria, possui as qualidades primitivas a sanidade physica, graças as boas condições de clima, embora, elle, pela ignorancia scientifica não saiba se utilizar destes poderosos agentes tão communs nas zonas sertanejas” (DANTAS, J.A. O Momento. O cynismo do tempo. 1918).

É evidente que pelos discursos gestados por José de Azevêdo Dantas o homem dos sertões do Seridó e os aspectos naturais caminhavam em conjunto. De maneira tão própria que as próprias características naturais serviam para tipificar o ser humano (MACÊDO, 1998). Os aspectos naturais são colocados como dando vida ao sujeito social, assim, como as rochas fortes era o caráter e o vigor daqueles indivíduos. E até mesmo, quando a seca se fazia presente, sendo uma imposição natural, poderia ser comparada a vivência humana, no sentido de que, aqueles homens apresentavam todas as condições físicas para vencer os empecilhos, todavia o que os faltavam era instrução para poder modificar os momentos difíceis, como era o caso da falta de água. Podemos perceber que José de Azevêdo Dantas não era contrário as modificações sociais e naturais, desde que, melhorassem a vida dos homens (PEREIRA, 2018). Isto fica evidente em uma das matérias do Jornal O Momento, na qual Azevêdo Dantas é enfático:

Logo ao ser auctorisado a construcção das obras pelo governo do eminente Epitacio Pessoa, estes tiveram início neste municipio em [ilegível] constante da estrada de rodagem de Natal ao Seridó e das grandes barragens do “Gargalheiras” e “Cruzeta”, cujos trabalhos se fizeram sentir com a actividade necessaria ao desenvolvimento posto em execucção pela Directoria dos Serviços

(DANTAS, J.A. O Momento. A realização das obras neste municipio. 1920)

Pela notícia redigida por José de Azevêdo Dantas é notório que aquele reconhecia os problemas que a seca acarretava aos sertões do Seridó. Entretanto, ao invés de recorrer ao discurso da seca para colocar os sertões como um espaço de improdutividade, de atraso e alheio a novas formas técnicas que pudessem melhorar a vida dos agentes sociais, Azevêdo Dantas lança mão dos elementos técnicos como: o açude e as estradas como formas de desenvolvimento para os sertões. Um formato de dinamizá-lo economicamente e socialmente. Neste sentido, os sertões saíam da condição de pedinte ao sul (ALBUQUERQUE JR., 2011), considerando que,

<sup>10</sup>Para uma discussão mais profunda sobre dos dois tempos: cíclico e a ação do homem, ver: LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1994.

em épocas de seca era corriqueiro no discurso imagético-discursivo de alguns sujeitos sociais<sup>11</sup> colocarem, o Nordeste e o sertão, como espaços que precisavam de campanhas de arrecadação. Esse cenário era construído por jornais de todo o Brasil que se encarregavam de agenciar beneméritos aos flagelados da seca.

Podemos entender que os discursos e representações que José de Azevêdo entendia e enunciava sobre os sertões do Seridó se encaixava em um sertão em transformação, não era somente o sertão do aspecto natural com suas belezas e também, com sua seca, mais sertões que se desmembrava e acompanhava novas discussões em torno de técnicas modernizadoras que viessem a mudar a realidade do homem do sertão. Percebemos que as práticas discursivas de José de Azevêdo Dantas inserem os sertões do Seridó em uma perspectiva de marcha que não se pode ficar alheia aos novos pensamentos e as ações. Entretanto, será que todos os elementos sociais gestavam os enunciados entendendo que os sertões do Seridó deveriam acompanhar as técnicas de modernização em seu escopo?

## Oswaldo Lamartine de Faria e os sertões do Seridó: um discurso naturalista

Pensar os lugares sociais dos enunciadores discursivos se torna algo preliminar para se compreender suas práticas discursivas e as imagens representativas que aqueles tecem sobre um lugar ou grupo social. De modo que, Oswaldo Lamartine de Faria nasceu em 15 de novembro de 1919, cidade de Natal, Estado do Rio Grande do Norte (SANTOS; MEDEIROS, 2018). Sendo filho de família tradicional dos sertões do Seridó, esta não somente, tendo importância desde o processo de colonização da dita espacialidade, como também, sendo agentes sociais no cenário político. Juvenal Lamartine, seu pai, chegou a ser governado do citado Estado no período de 1928 a 1930, destituído pelo golpe político empregado por Getúlio Vargas em 1930.

Oswaldo Lamartine gozou de todo poder aquisitivo e político que sua família deteve, dos sertões ao litoral do Rio Grande do Norte. Teve sua vivência, no entanto, incutida no litoral do Rio Grande do Norte. Após o ano de 1931 foi estudar e residir nos Estados do Pernambuco, do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Formou-se na Escola Superior de Agricultura de Lavras. Desempenhou suas atividades profissionais por diversos Estados do Brasil, voltando somente para o Rio Grande do Norte em 1996 onde passou a viver em sua Fazenda Acauã, situado na região Agreste do dito Estado. Nos últimos anos de sua vida voltou para a cidade de Natal/RN onde morava em um *flat*. No ano de 2007, tirou sua própria vida por meio de um tiro em seu peito (CASTRO, 2015). Assim, é evidente que Oswaldo Lamartine é um homem que viveu em diversas espacialidades do Brasil.

O poder das palavras nos faz voltar a tempo pretéritos no qual as histórias eram contadas, recontadas e se impregnavam na imaginação das pessoas como fatos vividos e pronunciados. A evocação ao passado é uma forma de manter os discursos vivos no tempo presente, e não rara às vezes, extrapolar para as gerações futuras (CAMPOS, 2001). Oswaldo Lamartine é um desses sujeitos históricos que remontam ao passado para gestar dizibilidade e visibilidades aos sertões do Seridó, em um tempo arcaico, mas no qual, o mesmo sentia o cheiro da terra, da chuva e a sequeidão do sol. Para ele:

“escritor havia de ser areia da terra natal debaixo dos pés da alma. Os meus rastros são os meus livros. É que o sertão é mais que uma região fisiográfica. Além da terra, das plantas, dos bichos e do bicho-homem—tem o seu viver, os cheiros,

<sup>11</sup>Para uma discussão mais efetiva, ver: FREYRE, G. *Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

cores e ruídos. O cheiro da água que nos desertos também cheira. O da terra molhada, do curral, da lenha queimada e de cada flor. O belo-horrível-cinzentos dos chãos esturricados, o ‘arrepio-verde’ da babugem, a explosão em ouro das craibreiras” (CAMPOS, 2001, p. 10).

Pelo discurso de Oswaldo Lamartine é possível perceber que aquele percebia os sertões para além de uma limitação espacial e temporal. O sertão era um elemento atemporal que permeava o imaginário da sociedade do Brasil. Para tanto, remete a natureza como meio de gestar essa identidade e uma memória que pode ser reconhecida a qualquer momento ou período por aqueles que praticam os sertões<sup>12</sup>. Percebemos, pois que as práticas discursivas de Lamartine carregam um arcabouço literário do século XIX que tomava a natureza como elemento de identificação e de identidade.

Mesmo Oswaldo Lamartine sendo um homem do século XX, seus apontamentos permaneciam fazendo referência aos elementos de visibilidade do século XIX. Isso fica muito claro, tendo em vista que, o século XX elegeu a cidade e o progresso como práticas discursivas modernizantes para este período (ARRUDA, 2000, p. 19). No entanto, Lamartine procurava se manter afastado da modernidade e colocou: “Compensa estar cada dia mais mouco e de vista mais curta para não assistir essa terraplanagem cultural. Sua Majestade, a eletrônica, o laser e o genoma estão virando tudo pelo avesso. Parece que se demoro mais por aqui, vou terminar em um museu” (CAMPOS, 2001, p. 30).

É inegável o lugar de discurso que assumiu Oswaldo Lamartine mesmo vivendo em pleno século XX com todas as transformações, aquelas não eram bem vista perante seu olhar. Como bem enfoca Lamartine seus rastros eram medidos por seus escritos, por seus livros e, neste caso, suas obras eram destinadas aos sertões do Seridó em sua afeição com a natureza. Esta era uma tendência que os viajantes do século XIX empregaram para gestar uma identidade para o Brasil<sup>13</sup>. Oswaldo Lamartine utiliza do mesmo aparato discursivo, da natureza como elemento individualizante, para empregar uma identidade para os sertões do Seridó. Sendo que, esta representação extrapolava para próprio Lamartine, um agente social de poder de dizibilidade. Gestava um discurso enfático sobre os sertões do Seridó, afirmando:

“O Seridó é a terra dos meus pais. Lá irmãos, pais, avós e antepassados deixaram seus imbigos nos moirões das porteiras. E fui criado ouvindo páginas daquela terra e daquela gente. Meu pai, do exílio (Paris, 1931) escrevia pedindo notícias do inverno e até da Melada—a sua burra-de-sela” (CAMPOS, 2001, p. 10).

Vejamos que, até mesmo, a própria linguagem utilizada por Oswaldo Lamartine é uma forma do homem dos sertões reconhecer seus discursos por anos seguidos. Era nas terras dos sertões do Seridó que sua parentela deixou seus “imbigos”, ou seja, era naquelas terras que estava à raiz de sua genealogia, do patriarcalismo e autoridade política de sua família. Interessante que ele evoca a figura do pai, em exílio, e que mesmo assim, não se esquecia de seus sertões e de seus animais. Mais uma vez, Lamartine conclama os elementos da natureza para sua narrativa e, não obstante, insere o espaço humano com um saudosismo daquele sertão

<sup>12</sup>“A natureza, lembrando Roberto Ventura, deixa de ser simplesmente um espaço de contemplação estética ou de reflexão filosófica para torna-se em elemento de integração e identidade das matrizes étnicas e culturais” (PAZ, 1996, p. 236).

<sup>13</sup>“A descrição de um lugar vinha acompanhada de uma série de atributos, cores, formas, linhas, contrastes perante a luz do sol, ao cair da tarde, sob o céu estrelado. Através destes dispositivos do discurso, ia-se dispersa e pontualmente redefinindo o Brasil, edificando seu caráter único, total” (SOUZA, 1997, p. 49).

de tempos de outrora. Existe uma ancoragem e valorização centrada na natureza, como se esta pudesse parar o tempo histórico, o tempo dos homens.

Oswaldo Lamartine apoia seu discurso na visibilidade e na dizibilidade da memória do povo regional. É uma forma que ele utiliza para organizar o seu presente, de modo a não perder o tradicionalismo e a importância de sua família nos sertões. O presente parecia esquecer-se deles, deixar para trás um passado de glória, de desbravadores dos sertões. É contra este silenciamento que Oswaldo Lamartine luta, ele não poderia permitir que sua parentela fosse governada por novos símbolos de poder e representatividade. Assim, Lamartine elege os sertões, com sua naturalidade, como forma de manter aceso um passado social, de sua família, de conquistas e vitórias. E nos afirma:

“Cada Vivente tem o seu sertão. Para uns são as terras além do horizonte e para outros, o quintal perdido da infância. O sertão carioca é o título de um livro de um geógrafo, dos bons, que os neurônios se recusam a lembrar o nome. Para mim o sertão é caatinga. É o do meu bem-querer, é quando descamba ali na Serra do Doutor—Riacho do Maxixe—e vai esbarrar nas barrancas do Piranhas” (CAMPOS, 2001, p. 13).

Interessante perceber a multiplicidade que Oswaldo Lamartine permite aos sertões, este é gestado a partir da subjetividade daqueles que o praticam. Reconhece que, existem vários tipos de sertões, como é o caso do “sertão carioca”, no entanto, deixa claro que, o seu sertão é aquele que adentra o Estado do Rio Grande do Norte. E vai além, tipificando esses sertões a partir dos elementos da natureza e da geografia espacial que aparenta conhecer muito bem. Percebemos com isto, que Oswaldo reconhecia os sertões do Seridó como uma espacialidade gestada no passado, mas que precisava ser anunciada no presente para não cair no esquecimento.

Se pensarmos bem, Oswaldo Lamartine usa claramente o discurso regionalista sobre os sertões do Seridó como uma forma de manter viva tanto aquele espaço quanto a visibilidade de sua família. A natureza estava ali presente por meio de século, assim, como o imaginário de sua família devia permanecer. Ele faz de seu discurso um meio de produzir identidades, de permitir continuidade e de manter a tradição a história dos sertões do Seridó e de sua família. A história feita pela ação dos homens, ao longo do tempo, é silenciada, para gestar identidade regional a-histórica, na qual a natureza impera sem contradições ou lutas. Assim, como os feitos da família Lamartine.

O discurso de Oswaldo Lamartine sobre os sertões do Seridó é uma forma de manter viva a importância daquela região para o Rio Grande do Norte, mas também, uma forma de perpetuação de *status* e privilégios que sua família obteve ao longo do tempo. É uma prática discursiva que tenta afastar os elementos modernizantes que tomaram conta do Brasil, a partir das primeiras décadas do Século XX, ameaçando o passado áureo do sertão e de sua parentela<sup>14</sup>. O medo de não encontrar respaldo na nova ordem é o que leva Lamartine ao discurso enraizado no passado natural dos Sertões do Seridó, e consequentemente, na memória frutífera das realizações de sua família em tal espaço. O discurso de Lamartine é uma forma de barrar com os novos símbolos de modernidade que surgiram no século XX, com a ação dos homens no tempo que emprega novas marcas no espaço natural e social.

<sup>14</sup>Para entender com os discursos tradicionalistas ganham nova dizibilidade e visibilidade em uma nova época, ver: ALBUQUERQUE JR., D. M. d. *A invenção do nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortez, 2011. p. 89–91.

## Considerações finais

A partir da análise dos discursos suscitados para os sertões do Seridó fomos convidados a enveredar pelos olhos e significações que José de Azevêdo Dantas e Oswaldo Lamartine de Faria efetuaram para aquela espacialidade. De modo que, ficou evidente que os discursos são carregados de imagens e símbolos que o enunciador deseja efetivar em uma sociedade. As práticas discursivas são uma arena de poder na qual gesta espaço, pessoas, comunidade e um pensamento forte e memorialístico para gerações futuras. A partir dos discursos daqueles dois agentes sociais pudemos pensar as dimensões da condição humana, as simbologias empregadas a uma região e os símbolos que gestavam identidade aos sertões do Seridó.

Por meio do discurso empregados por José de Azevêdo Dantas percebemos que aquele empregava o tempo histórico da ação dos homens no qual o espaço é configurado conforme as necessidades humanas. Os elementos discursivos de Azevêdo Dantas para proclamar os sertões do Seridó recaíram na exaltação dos elementos da natureza e em sua ação na vida das pessoas daquela espacialidade. No entanto, não considerava que devia se sujeitar a seca, a falta de estradas, de educação, ao contrário, por meio de técnicas e das práticas educacionais os sertões poderiam ser repensados ao modo progressista. Claro que estas eram ideias que circulavam junto a sociedade republicana do período e como tal, José de Azevêdo viveu e tinha um alinhamento aos discursos e práticas de modernidade para os sertões. Logo, os sertões do Seridó para Azevêdo Dantas eram mutáveis e perenes.

Nascido no período em que o Brasil fervilhava de ideias republicanas e modernizadoras, vimos as práticas discursiva de Oswaldo Lamartine de Faria, que diferentemente de José de Azevêdo que viveu nos sertões do Seridó, aquele assumiu um discurso da saudade em relação ao dito espaço. Para Oswaldo Lamartine os sertões do Seridó era a-histórico sendo o sertão natural de seus pais, de seus avôs, um sertão do sentimento pessoal, mas que Lamartine de Faria fazia questão de transpor aquele sentimento para a coletividade. Ao mesmo tempo em que ele negava os elementos de modernidade na sociedade do século XX, ele reafirmava o tempo pretérito no qual as grandes fazendas, sua família despontava em influência política em todo Rio Grande do Norte. Era uma forma de negação aos novos símbolos de poderes instituídos pela República e pela modernidade. Assim, Oswaldo preferia entender o espaço dos sertões do Seridó como um tempo natural que não passava por transformações sociais, o tempo de sua infância e do poder de sua parentela por aquelas terras distantes do litoral.

## Referências

- ALBUQUERQUE JR., D. M. d. **A invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.
- AMADO, J. Região, sertão e nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 15, 1995.
- AQUINO, Z. G. O. d.; CAMPOS, M. I. B. O poder do discurso em diferentes saberes. **Linha D'Água (Online)**, São Paulo, v. 30, n. 1, 2017.
- ARRUDA, G. **Cidades e sertões: entre história e memória**. São Paulo: EDUSC, 2000.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CAMPOS, N. **Em Alpendres d'Acauã: conversa com Oswaldo Lamartine de Faria**. Fortaleza e Natal: Imprensa Universitária/UFC e Fundação José Augusto, 2001.
- CASTRO, M. L. d. **Areia sob os pés da alma: uma leitura da vida e obra de Oswaldo Lamartine de Faria**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – UFRN, Natal.
- CERTEAU, M. d. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

- CHARTIER, R. **História da vida privada 3: da renascença ao século das luzes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**: Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.
- FREYRE, G. **Nordeste**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.
- GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
- LADURIE, E. L. R. **Histoire du climat depuis l'an mil**. Paris: Flammarion, 1967.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1994.
- MACEDO, H. A. M. d. José de Azevêdo Dantas: lembrando os 70 anos do início das pesquisas do primeiro arqueólogo do Seridó Potiguar em Carnaúba dos Dantas. **Mneme—Revista Virtual de Humanidades**, Caicó, v. 5, n. 13, 2005.
- MACÊDO, M. K. d. **A penúltima versão do Seridó: espaço e história no regionalismo seridoense**. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – UFRN, Natal.
- MORAIS, I. R. D.; DANTAS, E. M. Região e capital social: a reinvenção do Seridó Potiguar nos fios silenciosos da cultura. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 3., 2006, Santa Cruz do Sul. Disponível em: <<https://www.unisc.br/site/sidr/2006/textos3/21.pdf>>. Acesso em: 14 jan. 2021.
- PAZ, F. M. **Na poética da história: a realização da utopia nacional oitocentista**. Curitiba: Editora UFPR, 1996.
- PEREIRA, A. d. M. **Os sertões do Rio Grande do Norte e o processo de modernidade: José de Azevêdo Dantas (1910/1920)**. 2018. Monografia (Curso de Especialização em História dos Sertões) – Departamento de História do CERES, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caicó.
- \_\_\_\_\_. Sertões do Seridó: o olhar discursivo de José de Azevêdo Dantas (1910–1920). In: SERTÕES E SERIDÓ EM PERSPECTIVA: CULTURA E SOCIEDADE EM DEBATE, 2021, Caicó. Disponível em: <<https://doity.com.br/serto-es-e-serido-em-perspectiva-cultura-e-sociedade-em-debate>>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- SANTOS, E.; MEDEIROS, E. K. d. No rastro de Oswaldo Lamartine de Faria: sentido do passado dos sertões do Seridó. In: SEMINÁRIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO: EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E DEMOCRACIA: DESAFIOS PARA O NOSSO TEMPO, 9., 2018.
- SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- SOUZA, I. L. F. S. C. **Pátria Coroada: o Brasil como corpo político autônomo 1780–1831**. 1997. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- SÜSSEKIND, F. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Recebido em 21 jul. 2021  
Aprovado em 23 ago. 2021

